



Contribuições do Pibid para a formação de docentes

Débora **Sernajotto**

Universidade de Passo Fundo

Brasil

114339@upf.br

Gustavo de **Oliveira Rosa**

Universidade de Passo Fundo

Brasil

89616@upf.br

Resumo

No presente artigo será feito o relato do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como uma contribuição para o desenvolvimento de atividades diferenciadas para tentar sanar dificuldades na educação brasileira e qualificar futuros docentes. Ele se desenvolve por várias áreas do conhecimento, sendo que aqui trataremos sobre o Pibid – Matemática. Oferecido por um órgão de fomento do governo federal brasileiro, CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Em que é realizado em Instituições de Ensino Superior sendo públicas ou particulares com atividades em escolas de educação básica. Esse programa tem por finalidade proporcionar aos acadêmicos a qualificação durante sua licenciatura, possibilitando o contato direto com o ambiente escolar e o uso de metodologias utilizadas nas escolas da educação básica, na intenção da identificação com a docência.

Palavras chave: matemática, educação, formação, docente, Pibid.

O que é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID?

A educação caracteriza-se de extrema influência para a humanidade. Onde se utiliza os processos de ensinar e aprender, ensino-aprendizagem. Pelas dificuldades apresentadas na

educação, principalmente no ensino da matemática por ser dita como abstrata e complexa. Devido a essas dificuldades, não apenas na área da matemática, entretanto em outras licenciaturas, universidades e o governo federal optaram por programas para incentivar os acadêmicos e docentes que já atuam. E um desses projetos é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid).

Oriundo de uma parceria da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), a qual é uma agência de fomento à pesquisa brasileira, com IES (Instituições de Ensino Superior) públicas e privadas, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) define-se como um incentivo aos programas de formação de docentes no Brasil. O projeto é uma iniciativa que visa, entre outros objetivos, proporcionar a inserção dos acadêmicos no cotidiano das escolas públicas.

Muitas escolas possuem um único *modus operandi* para suas problemáticas, sem observar as especificidades de cada contexto. Desse modo, busca-se a qualificação da formação pelo uso de metodologias inovadoras para a solução de dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Assim, o Pibid é caracterizado por ações diferenciadas, com muitas leituras para fundamentar a intervenção, estudo sobre as situações presenciadas e planejamento da prática.

As escolas nas quais ocorre o programa são selecionadas de acordo com o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que é um parâmetro para medir o rendimento escolar da rede pública de ensino brasileira. São selecionadas escolas com o Ideb mais baixo (para sanar suas dificuldades) ou mais alto (para potencializar seu ensino). O programa funciona de modo que são formados grupos de acadêmicos e um professor supervisor da escola selecionada.

Os grupos de todas as escolas reúnem-se semanalmente para discussões que sejam pertinentes às intervenções e para os planejamentos das práticas. Também semanalmente, cada grupo se reúne na escola na qual está seu foco de trabalho, para desenvolver os objetivos do programa.

Na Universidade de Passo Fundo (UPF), ele é caracterizado por se estruturar em quatro eixos, que orientam a intervenção nas escolas. Eles devem ocorrer de maneira sequencial, pois cada um influencia no desenvolvimento do outro. São eles:

- 1.1 Primeiro eixo: Contextualização do ambiente escolar e da educação básica;
- 1.2 Segundo eixo: Investigação das práticas de ensino-aprendizagem;
- 1.3 Terceiro eixo: Ações/Inovações pedagógicas;
- 1.4 Quarto eixo: Integração, sistematização, avaliação e difusão do conhecimento gerado.

Primeiro Eixo: Contextualização do ambiente escolar e da educação básica

Nesse primeiro eixo, na iniciação da trajetória de conhecimento do ambiente escolar, são feitos estudos e ações de aproximação com o ambiente escolar e a comunidade envolvente de

forma exploratória, reconhecendo potencialidades e demandas que configuram as dinâmicas cotidianas.

A partir de documentos escolares, como Projeto Político-Pedagógico e Regimento Escolar, pode-se fazer uma análise inicial da funcionalidade da escola. O Projeto Político-Pedagógico contém a identidade da escola em seu papel social, trazendo elementos como a filosofia da escola, os objetivos a serem alcançados pela educação, história da escola, contextualização da comunidade na qual ela está inserida, a metodologia a ser seguida e o método de avaliação. Já o Regimento Escolar normatiza o cotidiano nesse ambiente de maneira mais administrativa e disciplinar, pois contém princípios constitucionais, legislação educacional e normas específicas da escola.

Também precisamos conhecer o PPP (Projeto Político Pedagógico) para termos conhecimento sobre o perfil dos alunos que trabalhamos. De acordo com suas configurações familiares e sociais, modelamos a abordagem. Por exemplo, se o comércio for uma atividade comum a esse ambiente, as atividades seguirão um caminho que dê sentido ao conteúdo segundo essas vivências. Se a escola estiver em um meio rural, as atividades serão realizadas com os mesmos objetivos, mas seguindo trajetórias muito diferentes.

O estudo do Regimento Escolar se faz necessário para que saibamos quais são nossas possibilidades de atuação. Esse documento está de acordo com parâmetros estabelecidos nacionalmente, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e com a Constituição Federal. Ele regula as relações dentro da escola (entre professores, alunos e funcionários) e entre família e escola.

A contextualização do ambiente escolar e da educação básica é importante para desenvolver a capacidade de ser um educador proativo na construção de um clima acolhedor. Com isso, possibilita que se aproveite a diversidade como recurso de enriquecimento das situações de aprendizagem de seus alunos. Assim, concordamos com Lima (apud Miranda e Gomes, 2002, p. 64):

“Para qualquer ser vivo, o espaço é vital, não apenas para a sobrevivência, mas sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é o lugar de reconhecimento de si e dos outros, porque é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades, estabelece relações sociais”.

Sendo assim, essa etapa é fundamental para o desenvolvimento das ações do Pibid, pois é nela que vamos nos orientar para o planejamento das atividades. Via de regra, o Pibid atua em escolas com índices de ensino deficitários. Portanto, precisamos conhecer os métodos de trabalho que são vigentes, para optar por outros, que possam surtir efeitos positivos. Exploramos possibilidades.

Segundo Eixo: Investigação das práticas de ensino-aprendizagem

Essa etapa sucede à primeira. Se o começo do trabalho se dá pela tentativa de imersão no contexto escolar, e de compreendê-lo de maneira mais eficaz e complexa, a continuidade desse processo é buscar conhecer as características da turma que será o alvo de nossas ações. Desvendando, assim, dinâmicas de ensinar e aprender matemática.

Nesse eixo nos concentramos em focar os estudos exploratórios no ambiente da sala de aula. Através de observações de aulas da turma na qual o trabalho será realizado, buscando identificar como as relações de poder se estabelecem durante a aula, quais metodologias podem ser efetivadas e que práticas aparentemente não surtirão resultados positivos.

Nessa parte do trabalho caracteriza-se mais em estudos voltados ao processo de ensino, principalmente da matemática, e para conceder uma experiência em compreender o aluno, como um ser carregando uma bagagem. Os estudos ocorrem desde leituras de fundamentação teórica até discussões na formação dos integrantes do programa.

Essas leituras são de grande auxílio para a o aperfeiçoamento do pensamento crítico dos acadêmicos em relação às metodologias praticadas dentro da sala de aula. Com isso, nas observações de aulas poderão discernir o as práticas efetivas para o processo de ensino-aprendizagem e as ações que devem ser melhoradas. Logo, já estarão internalizados conceitos que poderão facilitar o planejamento de aula. Pois, o planejamento desenvolvido com mais fundamentação e tempo possibilita melhor compreensão das ações que serão praticadas.

Terceiro Eixo: Ações/Inovações pedagógicas: propostas de intervenção em sala de aula e em espaços alternativos

O Pibid é organizado em quatro eixos, mas não se deve criar a impressão de que cada um tem seu funcionamento independente, que eles funcionam de maneira isolada uns dos outros. Cada eixo implica no outro, os resultados e as observações de uma etapa são fatores determinantes para o desenvolvimento da próxima. Assim, o primeiro e o segundo eixos culminam pela intervenção. Nessa etapa são elaboradas atividades voltadas às deficiências de aprendizagens observadas de maneira que seja coerente com o ambiente no qual trabalhamos, para assim aplicá-las.

O planejamento ocorre levando em consideração tudo que foi observado nos dois primeiros eixos. As características peculiares à escola e as demandas específicas da turma serão os parâmetros para a organização da prática. Todas as atividades desenvolvidas são precedidas de muito estudo a respeito, pois nessa etapa a fundamentação teórica é ainda mais importante que nas outras. Em vista disso, concorda-se com Libâneo (1994, p. 178) que,

“A realização de uma aula ou conjunto de aulas requer uma estruturação didática, isto é, etapas ou passos mais ou menos constantes que estabelecem a sequência do ensino de acordo com a matéria ensinada, características do grupo de alunos e de cada aluno e situações didáticas específicas.”

Nesse caso, o planejamento tem grande importância para a formação do docente, pois é nele que vamos organizar ações pedagógicas, sendo como um norteador das aulas. É nesse documento que o docente deve se esforçar para que haja uma boa elaboração de práticas de ensino, para que tenha um objetivo claro do que se quer alcançar em sua ação, sem perder o rumo da finalidade em si do ensino. De acordo com Menegolla e Sant’Anna (2001, p. 40), o planejamento

“É um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação.”

Para os acadêmicos, esse talvez seja o momento de maior enriquecimento, pela troca de ideias, exploração e potencialização de possibilidades e pela construção conjunta de elementos didático-pedagógicos.

É importante ressaltar que durante o planejamento os acadêmicos dedicam-se a criar atividades dinâmicas, que tenham para o educando uma atratividade maior que as atividades escolares corriqueiras. Logo, existe a tentativa de unir as teorias estudadas no curso com a prática em sala de aula, o que torna sua formação mais consistente. É comum que sejam utilizados jogos de tabuleiro, jogos que exijam a movimentação corporal dos alunos e o uso de tecnologias. No entanto, esses recursos devem apresentar sempre como fins didáticos, para que não prejudique a formação de aprendizagem do educando.

O professor deve estar ciente que para uma aula adequada define-se como aquela em que possibilite aos alunos se expressarem, tirem suas próprias conclusões, não apenas aceitar tudo o que vê. Portanto, o papel do educador é orientar futuros cidadãos ao pensamento crítico, duvidar e se perguntar o porquê. Assim, segundo Marasini (apud Rays, 2000, p.127), “desenvolver uma matemática que seja capaz de levar o aluno a pensar, a analisar, estabelecer relações, justificar e produzir seu próprio significado, isto, é criar”.

Desse modo, com o planejamento das atividades a serem realizadas, presencia-se a vivência como professor diante a uma turma. Nesse momento é que ocorre a ação das práticas, em que acadêmicos vão poder presenciar dificuldades e contentamentos da carreira docente. Com isso, efetuam apreciações das intervenções realizadas, para ter o registro das atividades, se ocorreram dificuldades ou não.

O projeto favorece aos acadêmicos essa oportunidade de estar diante de uma turma, não apenas por parte individual, porém em grupos. Com isso, não corre o risco de ter apenas um acadêmico e acabar por um sentimento de frustração em um ambiente escolar, sendo prejudicial. Por isso essa proposta de realizar atividades em grupos, é eficaz para que os integrantes dos grupos se ajudem, possibilitando a confiança e estimulação para a prática docente. Sendo assim, os futuros educadores já possuirão um conhecimento prévio da profissão e então haver um domínio para lidar com situações inóspitas.

Desse modo, concorda-se com Piaget, que faz jus ao programa:

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.” (1982, p.246).

Nessa perspectiva, podemos ver a validade de um bom planejamento para a ação da prática seja de qualidade. O preparo de aulas se dá como uma consideração aos alunos, vemos que um bom planejamento de um professor é aquele que se preocupa com o processo de cognição de seu educando. Dessa forma, toda prática será eficaz, e o professor com mais autonomia, domínio e confiança em si para a efetivação de seu planejamento terá um resultado além do esperado.

Quarto Eixo: Integração, sistematização, avaliação e difusão do conhecimento gerado

Os três primeiros eixos sintetizam-se no quarto. Na fase final do projeto, os esforços voltam-se para a reflexão sobre as práticas, as situações presenciadas, as metodologias alternativas encontradas e soluções para as dificuldades. É quando ocorre a síntese e a sistematização do conhecimento gerado. Os textos e os relatórios escritos desde o início baseiam a escrita de um relatório final, mais amplo, sobre a prática naquela escola.

Nessa etapa é que vamos perceber se a atividade foi realmente válida, aos acadêmicos, aos professores e aos alunos, perante relatórios e avaliações. Essas análises feitas são oportunas para a realização de outras atividades, fazendo breves reflexões do que poderá ser modificado para o melhoramento das atividades, ou como portar-se adequadamente em uma sala de aula.

Desde a inicialização do programa, com os estudos de documentos escolares, após a fundamentação teórica e o planejamento e prática, e avaliação, todos esses recursos de formação docente, foram debatidos, apreciados, analisados e relatados. Assim, após o desenvolvimento das ações, das metodologias e práticas, é feito um relatório geral, contando cada vivência em sala de aula. Esse relatório ajudará após para os processos de avaliação coletiva e individual.

Devido a isso, a avaliação é feita através da elaboração de um relatório geral das atividades realizadas, desde o início do desenrolar dos eixos, sendo um recurso necessário para obter o conhecimento, do grupo e do individual, se realmente conseguiu atingir seu objetivo inicial. Desse modo, Libâneo (1994, p.190) complementa:

“A avaliação do ensino e da aprendizagem deve ser vista como um processo sistemático e contínuo, no decurso do qual vão sendo obtidas informações e manifestações acerca do desenvolvimento das atividades docentes e discentes, atribuindo-lhes juízos de valor. Os resultados relativos que decorrem desse processo dizem respeito ao grau em que se atingem os objetivos e em que se cumprem exigências do domínio dos conteúdos, a partir de parâmetros avaliativos”.

A partir de toda a reflexão desenvolvida desde o primeiro eixo até o quarto, é que também os integrantes poderão divulgar resultados das práticas realizadas no âmbito escolar em eventos da área e em eventos internos do programa Pibid. Isso nos revela outro aspecto positivo do Pibid: a produção de conhecimento acadêmico aplicado ao meio social no qual a sociedade está inserida. A Universidade como agente transformadora do meio, não somente como uma fonte de conhecimento. Nas das leituras produzidas, professores titulares locais encontram possibilidades metodológicas, explicações alternativas e propostas de atividades diferenciadas.

Conclusão

O Pibid certamente leva muitos benefícios às escolas, tanto pelo trabalho realizado no âmbito das disciplinas quanto pela motivação aos professores que acompanham o projeto. Ainda assim, os autores do presente trabalho acreditam que os maiores beneficiados são os acadêmicos.

Inicialmente, por terem a experiência docente antes dos estágios, terão mais desenvoltura perante uma turma, mais tranquilidade para se expressar e mais embasamento metodológico para o planejamento de aulas atrativas e interativas. Com isso, os professores devem considerar as experiências dos alunos, a comunicação com a aula e a diferenciação das estratégias de aprendizagem utilizadas pelos alunos. Segundo Libâneo (1994), a principal característica da prática docente para a aprendizagem é a descrença no ensino por transmissão repetitivo, criar um vínculo entre professor e aluno de modo onde ambos transformem-se e transformam o conhecimento em aprendizado, tornando a sala de aula em um ecossistema de aprendizagem.

O Pibid possibilita que o desenvolvimento da personalidade de professor inicie durante a formação acadêmica, e não apenas no final, durante os estágios. Essa personalidade de professor acaba por se desenvolver a partir da interação com professores mais experientes e com espaços de discussão e trocas de ideias, possibilitando a qualificação da formação.

Além disso, os acadêmicos também têm a oportunidade de vivenciar a realidade da educação, podendo ser ruim ou boa. Através das ações presenciam-se algumas dificuldades comuns na carreira docente, como turmas hiperativas, falta de cooperação e de interesse pelas atividades. Por outro lado, também se presenciam ambientes favoráveis ao trabalho, com turmas participativas, que se engajam nas atividades. Por isso, o educador desenvolve, ainda no início de sua preparação, a própria visão sobre a educação, vendo-a como um processo complexo, que se modifica de acordo com o ambiente e com os sujeitos envolvidos.

Assim, segundo Lubek e Souza, a qualidade da educação não é simples, entretanto “devemos estar cientes de que somente um trabalho coeso e comprometido formará um bom profissional, um bom educador, engajado com os problemas sociais e inerentes à sua profissão”. E ainda para um desenvolvimento acadêmico favorável “compreende a evolução e a construção de ideias contribui para uma educação eficaz”(Lubek & Souza, 2012, p.22-23)

Referências e bibliografia

- Castro, Patrícia A. P. P.; Tucunduva, Cristiane Costa, & Arns, Elaine Mandelli. (2008). A importância do planejamento das aulas para a organização do trabalho do professor em sua prática docente. *Athena, Revista Científica de Educação*, 10(10), 49-62, jan./jun. Curitiba: Editora Gráfica Expoente. Disponível em: <<http://www.faculdadeexpoente.edu.br/upload/noticiasarquivos/1243985734.PDF>>. Acesso em: 15/09/2014.
- Libâneo, J. C. (1994). A aula como Forma de Organização do Ensino. In *Didática* (pp. 177-193). São Paulo: Cortez.
- Lima, M. W. S. (2002). Arquitetura e educação. In Miranda, Elaine Cristina de Freitas, & Gomes, Leda, Ambiente escolar e aprendizagem na visão de pais e alunos do ensino fundamental. *Boletim de Iniciação Científica em Psicologia*, 3(1), 53-73. São Paulo: Editora Mackenzie.
- Lubek, Kelly R. M., & Souza, José R. (2012). Pesquisa em Matemática e Educação Matemática: desafios para uma “nova” educação a partir de diferentes pontos de vista. *Educação Matemática em Revista*, 13(11), 17 – 23, fev./jun. Porto Alegre
- Marasini, S. M. (2000). Contribuições da didática da matemática para a educação matemática. In O. A. Rays, *Educação e ensino: constatações, inquietações e proposições* (pp.126-130). Santa Maria: Pallotti.
- Menegolla, Maximiliano. Sant’Anna, Ilza Martins. (2001). *Por que planejar? Como planejar?* (10a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Piaget, J. (1982). *O Nascimento da Inteligência da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar. Disponível em: <<http://files.historiadaeducacaoinfantil.webnode.com.br/200000008-22629235c3/O%20Nascimento%20da%20Intelig%C3%Aancia%20na%20Crian%C3%A7a%20-%20Piaget.pdf>>. Acessado em: 12 de jun. 2013
- Álvarez Manilla, J. M., Valdés Krieg, E. & Curiel de Valdés, A. B. (2006). Inteligencia emocional y desempeño escolar. *Revista Panamericana de Pedagogía*, 9, 9-33.
- American Psychological Association. (2009). *Publication manual of the American Psychological Association*. (6th ed.) Washington, DC: American Psychological Association. Viadero, D. (2007,

19 de diciembre).

Murzynski, J., & Degelman, D. (1996). Body language of women and judgments of vulnerability to sexual assault. *Journal of Applied Social Psychology*, 26, 1617-1626. doi:[10.1111/j.1559-1816.1996.tb00088.x](https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1996.tb00088.x)